

À mesa com o Valor: Galvão Bueno, produtor de vinho e criador de gado de raça, fala também da seleção brasileira na Copa da África do Sul: "Dunga deveria levar os meninos".

190 milhões à espera dos berros dele

Por Paulo Totti, de São Paulo

28/05/2010

Texto: [A-](#) [A+](#)



[Compartilhar](#)

Lula



É do Brasil! Admita, mesmo que você não goste de quem berra, esse é o berro que você mais quer ouvir, de hoje até o dia 11 de julho. Três, quatro vezes a cada 90 minutos dos sete jogos, até o apito final no último lance da Copa do Mundo de Futebol na África do Sul. "É do Brasil. É do Braasiil! Éé doo Brraaasiillll!". E, ao fundo, o eco em falsete: Braziú!...

Galvão Bueno, o brasileiro a quem você delegou a tarefa de alegrar aos gritos o coração patriótico de 190 milhões de conterrâneos, esteve "À mesa com o **Valor**" ao meio-dia de uma quinta-feira num canto discreto do restaurante Eau, reduto francês do hotel americano Hyatt, no bairro paulistano do Brooklyn Novo. Obviamente, Galvão não está calado; Galvão nunca está calado. Personalidade agradável, seu papo envolvente revela às vezes o hábito de quem exagera na explicação para se fazer entender por grandes multidões. Mas hoje Galvão está preocupado com o horário. Daqui a três horas embarca em Guarulhos rumo a Paris e o mundo.

Os dias anteriores foram de extrema agitação. Na segunda-feira ancorou em São Paulo o programa "Bem, amigos", quase quatro horas de conversa fiada sobre futebol no canal por assinatura Sportv; na terça estava em Salvador, onde a Câmara de Vereadores o transformou em "cidadão soteropolitano"; na tarde de quarta narrou Barcelona 1x0 Internazionale, que se realizava no estádio Camp Nou, na Espanha; e à noite não pôde assistir Flamengo 1x0 Corinthians porque estava numa exposição de vinhos em São Paulo.

Leonardo Aversa/O Globo



Nos anos 1990, com o filho Carlos Eduardo, piloto de stock car

- Uma loucura, mas é minha vida há 37 anos. Não saberia viver de outro jeito. Agora tenho compromissos com a Fórmula Um em Monte Carlo e em Istambul, depois vou para a África do Sul e só volto ao Brasil após a Copa. Hexacampeão, se Deus quiser!

- Você é um fanático narrador de futebol?

- Não me envergonho de torcer pela seleção do Brasil. Tenho obrigação profissional de trabalhar com a realidade dos fatos, mas sou brasileiro acima de tudo. Chico Buarque tem uma música em que lembra suas raízes brasileiras. Acho que tenho tantas raízes quanto ele. Minha mãe é do Mato Grosso, meu pai, carioca; meu padrasto, paulista; eu sou carioca; minha primeira mulher era goiana; a segunda é paranaense; os dois primeiros filhos, paulistas; o terceiro, carioca; os outros dois, londrinenses. Moro um pedaço em Londrina, outro pedaço em São Paulo e outro em Mônaco. Brasileiro o dia inteiro, todos os dias!

Renato Mauricio Prado



Com a ex-jogadora de vôlei Leila, na Olimpíada de Atenas, em 2004

- Morar em Mônaco deve ser terrível sofrimento. Como você aguenta?

- Não faz muita diferença. Devido ao meu trabalho, passo seis meses lá e seis meses cá, há mais de 30 anos. Só inverti o eixo. Continuo com três casas. Londrina, no norte do Paraná, é a residência oficial, fiscal, eleitoral. O Hyatt, minha casa em São Paulo, está a 15 metros da entrada da Globo. Aqui mesmo do restaurante fico olhando a Globo, vigiando. Aliás, este é o melhor restaurante francês da cidade.

Naturalmente, no Eau - água, em francês - todos conhecem Galvão e ele conhece as virtudes do menu executivo - excelente na qualidade e também no preço. Repórter e fotógrafa, Galvão recomenda, devem provar l'entrecôte de boeuf, carne grelhada de Red Angus. Para si próprio, pede steak tartar, "selado": superfície levemente crestada e suculento interior. A Andréa, assessora de imprensa da Globo, Galvão sugeriu "le risotto vert": arroz carnaroli, al dente e cremoso, com brócolis, ervas e queijo Chevrotin.

- O almoço é por conta do **Valor**, eu sei. Mas o vinho faço questão de pagar.



Com Fausto Silva, na TV Globo; para o paladar educado, de quem sabe os segredos da boa carne

Galvão percorre com o dedo a carta de vinhos e narra: "Bordeaux autêntico! Assemblage, que quer dizer blend, mistura, de cabernet sauvignon, merlot e petit verdot. Este Carruades de Lafite Pauillac, dos Rothschild, é ótima companhia para carnes." E é Lafite que Galvão encomenda, sem prestar atenção na coluna da direita: R\$ 650,00.

- Mônaco é sua terceira casa há quanto tempo?

- Temos apartamento lá, há dois anos e meio. É um principado, cidade-país de 38 mil residentes, menor que um pequeno bairro de São Paulo. A rede hoteleira não é grande, mas tem hotéis fantásticos, fantasticamente caros. A população flutuante é imensa, turistas da Itália, da França, de todo o mundo que passam o dia lá em excursões de ônibus, carros, ou navios. Segurança de 110%, estado quase policial, com câmeras, polícia, a cada esquina.

Anna Carolina Negri/Valor



O steak tartar, "selado", com superfície levemente crestada e succulento interior

Em Monte Carlo, Galvão Bueno vive com a mulher Desirée, com quem se casou há dez anos, o filho dela, Leonardo, o Léo, com 15 anos, e Luca, 9, único filho do casal.

Nas escolas locais, Luca e Léo estudam francês e inglês; o italiano "apreendem na rua, pois 70% das pessoas falam italiano". Luca foi alfabetizado em quatro linguas (também o português), pois tinha sete anos quando chegou a Monte Carlo. Já o pai diz que aprendeu, na prática, cinco linguas (as citadas, mais o espanhol), e só agora procura tempo para algumas aulas formais de francês.

Galvão considera Léo seu quinto filho. Os demais, do casamento com Lúcia, que morreu há dois meses, são Carlos Eduardo, o Cacá, 34 anos, e Paulo Eduardo, o Popó, 32 (corredores de stock car), e Letícia, chefe do escritório em São Paulo da Virtual Esportes, a empresa responsável pelo contrato de exclusividade de Galvão com a Rede Globo.

- Desde quando você não tem carteira do trabalho assinada?



- Essa é boa, nunca tinha pensado nisso. Acho que tive carteira assinada na Globo durante dois anos. Como eu e a Globo vamos completar trinta de casamento, sou pessoa jurídica, PJ, há uns 28 anos. A relação com a Globo é plena, minha principal fonte de renda. Lá tenho meu trabalho, minha profissão, o que eu amo fazer a vida toda. Trabalhei antes na rádio Gazeta, na TV Record e na Bandeirantes. Houve um hiato de dez meses, quando fui ser sócio da CNT, no Paraná. Durou dez meses, e voltei para casa. Minha casa é boa e de lá não saio.

- A propósito, quanto a casa lhe paga?

- Não posso te contar, é cláusula contratual. Eu brinco que é o seguinte: ganho mais do que preciso e menos do que mereço.

- Os sites publicam de tudo. Uns dizem que a Globo lhe paga R\$ 3 milhões por ano; outros, R\$ 500 mil ao mês...

- É o seguinte: se você quer explorar isso, pelo menos não diminui o que eu ganho.

- Mas fui generoso, cheguei a R\$ 6 milhões.

- Não diminui, por favor...

Esporte e microfone são herança genética do pai, Aldo Viana Galvão Bueno, homem de rádio e televisão, parceiro, no Rio, de Ary Barroso em transmissões de jogos de futebol, e diretor, em São Paulo, do primeiro talk show brasileiro, o de Silveira Sampaio. Aldo e a mãe de Galvão se separaram quando ele ainda era criança e ela mudou-se para São Paulo, onde voltou a casar-se. Aldo morreu em 1980. O padrasto de Galvão tem 92 anos e mora com ele em Londrina.

- Não transmito mais campeonatos estaduais ou o Brasileirão. Seleção brasileira e Fórmula Um são os meus grandes produtos atuais, mas continuo no vôlei e basquete internacionais. Sou um vendedor de emoções e tive a experiência fantástica da Olimpíada. Narrei na China a saga do Michael Phelps e do César Cielo na natação, a alegria do ouro das meninas do vôlei e a tristeza da prata dos homens. A Globo me entrega as melhores condições de trabalho, os melhores produtos e os melhores profissionais como companheiros. Penso que entrego o que a Globo espera de mim. O contrato é até dezembro de 2014 e acho que por conta da Olimpíada de 2016 isso se prorroga. O importante é que tudo que tenho hoje devo ao meu trabalho na Globo.

Esse trabalho, além de milhões de admiradores - e quase outros tantos desafetos virtuais, é verdade - deu muito ao hoje empresário Carlos Eduardo dos Santos Galvão Bueno, 60 anos a serem completados logo depois da Copa, a 21 de julho. Ele é, por exemplo, criador de gado e produtor de vinho. "Estou há dez anos envolvido com a pecuária", proclama. "E agora vai ao mercado o Bueno Paralelo 31, primeiro vinho produzido por mim em parceria com a Miolo".

Galvão tem duas fazendas no Norte do Paraná e outra no Rio Grande do Sul - mil hectares na região de Londrina e pouco mais de mil em Pedras Altas, perto da fronteira com o Uruguai. Ali produz touros da raça escocesa Aberdeen Angus e seu recessivo Red Angus, que cruza com matrizes selecionadas. "Em 2007, 2008 e 2009, criações minhas conseguiram os primeiros prêmios em Esteio, Rio Grande do Sul, na maior exposição pecuária do Brasil. Produzo uma carne macia Red Angus como a que você está comendo aqui. Aliás, este Bordeaux é da mesma família do vinho que comecei a produzir lá na Campanha gaúcha."

- Hoje você é o único comentarista do Jornal Nacional. Opina sobre esporte, mas nunca ouvi opinião sua sobre política.

- Nem vai ouvir. Nós do jornalismo da Globo, que vivemos de credibilidade, se usarmos nossa força em benefício de ambições políticas, seremos profissionalmente desonestos. Tenho fortes convicções políticas, mas as guardo para mim.

- E as clubísticas?

- Não passa dia que não tenha que responder se sou Palmeiras, Corinthians, São Paulo, Flamengo, Botafogo. Sou é Brasil.

-Você é amigo de jogadores. Mas Roberto Carlos não gostou de você dizer que ele estava ajeitando o meio quando Thierry Henry, da França, fazia o gol contra o Brasil. Ele agora é inimigo ou amigo magoado?

- Mais amigo magoado do que inimigo. Eu torço mas não distorço. A câmera o flagrou arrumando o meio. Aliás, quem percebeu isso foi o Casagrande. O Casa falou: "Olha a imagem". Tafaíel é amigo também. Mas a frase que virou bordão, "vai que é sua, Tafaíel", era um desespero meu. Queria que ele saísse do gol nas bolas cruzadas sobre a área. Depois, passei a usar na hora dos pênaltis contra o Brasil, mas aí foi para consagrar o melhor goleiro que o Brasil já teve.

- Você também é amigo dos profissionais da Fórmula Um?

- O comentarista Reginaldo Leme e eu estamos na Fórmula Um desde que as caravelas chegaram ao Brasil, então temos muitos amigos entre pilotos e engenheiros. Em Phoenix, no Arizona, eu disse pro Ayrton Senna: "As Williams serão suas adversárias". E ele respondeu: "A caixa de câmbio delas só aguenta 15 voltas". Abri a transmissão e informei que o principal adversário de Ayrton tinha problemas no câmbio. Isso se confirmou. O amigo me deu notícia preciosa.

- Você é tão amigo do Reginaldo Leme quanto é dos engenheiros e pilotos?

- Você é maldoso bastante, mas desarmo sua maldade, já, já. O Reginaldo é meu padrinho do segundo casamento. Tenho dois parceiros absolutamente especiais, o comentarista de arbitragem Arnaldo César Coelho, e o Reginaldo. As famílias são amigas, se frequentam, e qualquer coisa que alguém falar diferente disso é mentira.

- Falemos então de algo mais ameno. Como é o Galvão Bueno produtor de vinho?

- A empresa chama-se Bueno Bella Vista Estate e o vinho que estou lançando é o Bueno Paralelo 31 porque a área de seu cultivo na fronteira gaúcha está no mesmo paralelo das zonas produtoras de Austrália, Nova Zelândia, Chile, Argentina, África do Sul. O Bueno é um bordeaux autêntico, 60% cabernet sauvignon, 30% merlot e 10 % petit verdot. É um vinho feito a quatro mãos e um coração: as mãos e a competência de Adriano Miolo e Michel Rolland, e a minha vontade. A contratação do enólogo francês Michel Rolland é como trazer o Carlito Messi, o Cristiano Ronaldo, para jogar no Brasil. Coisa fantástica.

- Voltemos à sua profissão mais antiga. O que você está achando desta seleção?

- Levaria quatro não convocados: Ronaldinho Gaúcho e mais o Ganso, o Neimar e o Hernanes. Pergunto: nas oitavas de final, (bate na madeira), perdendo para a Espanha no primeiro tempo, você prefere que entrem no segundo tempo o Josué e o Júlio Batista ou o Ganso e o Neimar? Dunga devia levar os meninos.

- O que você acha do Zé Simão quando diz que aberração, na linguagem do "óbvio ululante", é o Galvão gritando "é gol do Brasil"?

- José Simão é um dos caras mais inteligentes do país. Ser personagem dele é um orgulho. Um americano dizia que se você virar personagem de humor é sinal de que faz algo importante. O Casseta e Planeta me chama de Gavião e me imita: Rrronaldinho. Aquilo é uma homenagem. Mas o Macaco Simão às vezes exagera. Desrespeitou, por exemplo, dona Ruth Cardoso e também a dona Marisa. Comigo não ligo, acho um barato. Mas se falar da minha mulher, vou ficar p.da vida.

- Há lugares de onde você e a própria Globo não transmitem jogos por causa de animosidade dos torcedores? Vila Belmiro estaria nesse caso? Por isso, transmitem do estúdio... como se chama isso?

- "Off tube". Sou bem tratado em todos os lugares, mas sou o mensageiro. Quando o time ganha, sou bom mensageiro. Quando perde, sou ruim. Um dia, no Maracanã, houve um coro contra mim. Perguntei pros meus filhos que estavam lá: "Vocês participaram?" "Claro, pai, se não não tinha graça". Quanto aos estádios, alguns não são adequados ao padrão de qualidade ou não apresentam segurança. A cabine da Vila Belmiro é muito pequena.

- No exterior é diferente? Você transmitiu "off tube" o primeiro Barcelona e Inter.

- (Sorriso malicioso). Isto é você que está falando. Não sabe se fui e voltei.

- Bem, amigos: Galvão Bueno tem mais esta virtude, a ubiquidade! Estava em São Paulo e ao mesmo tempo na Catalunha.

Galvão reconhece que estava em São Paulo e diz que, nesse jogo, só seria permitida a presença na cabine de um locutor, sem câmara exclusiva, sem comentaristas. [A final da Champions League, Inter 2x0 Bayern, dia 21, Galvão narrou do estádio em Madri].

- Está na hora. Tenho que me mandar.

Galvão se despede, sorridente. "Garçom, não esqueça: o vinho é na minha conta".

- Uma pergunta final para quem andou pelo mundo todo: existe algum lugar que você não conhece e gostaria de conhecer?

- O Egito. É uma paixão infantil. Estive para ir lá e, por diversas razões, não consegui. Bateu na trave quatro vezes e voltou.